

almeida garrett

**frei luís
de sousa**

8.2. Estrutura interna

A leitura integral da obra permitiu-nos ver que, a nível interno, *Frei Luís de Sousa* apresenta, à semelhança do que acontecia nas tragédias clássicas, três grandes momentos:

- **exposição** (ato I, cenas 1 e 2) – apresentação das personagens e dos acontecimentos passados que motivaram a situação em que as mesmas se encontram;
- **conflito** (ato I, cena 3, a ato III, cena 9) – desenvolvimento da ação propriamente dita, através das vivências das personagens;
- **desenlace** (ato III, cenas 10 a 12) – aniquilamento das personagens, ou desfecho originado pelos dois momentos anteriores.

É interessante reparar que esta divisão tripartida que podemos ver na peça se espelha ao nível de cada ato. Vejamos:

Ato I	<p>exposição (cenas 1 a 4) – informações sobre o passado das personagens e os factos anteriores ao presente da ação.</p> <p>conflito (cenas 5 a 8) – anúncio dos governadores e decisão de Manuel de Sousa Coutinho de incendiar o palácio.</p> <p>desenlace (9 a 12) – incêndio do palácio.</p>
Ato II	<p>exposição (cenas 1 a 3) – informações sobre os acontecimentos ocorridos desde o incêndio até ao presente da ação.</p> <p>conflito (cenas 4 a 8) – ida de Manuel de Sousa Coutinho a Lisboa e permanência de Madalena no palácio.</p> <p>desenlace (cenas 9 a 15) – chegada do Romeiro e seu reconhecimento.</p>
Ato III	<p>exposição (cena 1) – informações sobre os acontecimentos ocorridos desde o final do ato anterior e sobre a decisão tomada.</p> <p>conflito (cenas 2 a 9) – atuações de Manuel de Sousa Coutinho (resolução da situação), Madalena (dúvidas quanto à veracidade das palavras do Romeiro), Telmo e Romeiro (tentativa de remediar o “mal” que, involuntariamente, causou).</p> <p>desenlace (cenas 10 a 12) – apresentação da catástrofe: morte física de Maria e morte moral dos pais (metaforicamente representada pela tomada de hábito).</p>

Ao falar da estrutura interna, pensamos também, como se depreende do exposto acima, na **ação** dramática. E, uma vez que as personagens que dão vida a essa ação estão localizadas num determinado **tempo** e num determinado **espaço**, é sobre estes elementos que iremos refletir a seguir.

8.3. Tempo

Para que ocorra o desenvolvimento da ação dramática, dos acontecimentos, há um aspeto fundamental: o **tempo**. Os acontecimentos da ação estão ligados por segmentos temporais que, independentemente da forma como estão articulados, dão fluidez à ação.

Exposto isto, falemos de duas dimensões do tempo em *Frei Luís de Sousa*: o **tempo dramático** e o **tempo histórico**.

8.3.1. Tempo dramático

Ao longo do texto de *Frei Luís de Sousa*, há inúmeras referências cronológicas que nos permitem contextualizá-la num determinado período histórico – o **século XVI**, mais concretamente em **1599**, vinte e um anos após a batalha de Alcácer Quibir, como se pode inferir pelas palavras de Madalena: “[...] *a que se apega esta vossa credulidade de sete... e hoje mais catorze... vinte e um anos?*” (ato I, cena 2). Podemos até apontar os dias – “[...] *É um dia fatal para mim; faz hoje anos que... que casei pela primeira vez, faz anos que se perdeu el-rei D. Sebastião, e faz anos também que... vi pela primeira vez a Manuel de Sousa.*” (ato II, cena 10) –, como a batalha de Alcácer Quibir ocorreu no dia **4 de agosto** de 1578, o ato II de *Frei Luís de Sousa* decorre no dia 4 de agosto de 1599. Se atentarmos na fala de Maria logo no início do ato II – “[...] *Há oito dias que aqui estamos nesta casa [...]*”, não é difícil calcular que o ato I decorre no dia **27 de julho**, enquanto o ato III se desenrola na madrugada do **dia 5 de agosto**.

A ação dramática decorre, então, em pouco mais de uma semana. E é curioso notar que as referências temporais em *Frei Luís de Sousa* se revestem de um forte **simbolismo**. A ação começa a uma **sexta-feira** – “*Ai que é sexta-feira!*” (ato II, cena 5) – e, talvez não por coincidência, vários acontecimentos marcantes na vida de Madalena ocorrem neste dia da semana. É a uma sexta-feira (dia conotado com tragédia) que:

- Madalena se casa com D. João de Portugal;
- Madalena vê pela primeira vez Manuel de Sousa Coutinho;
- Manuel de Sousa Coutinho incendeia o seu palácio;
- D. João desaparece na batalha de Alcácer Quibir;
- D. João regressa na figura do Romeiro.

Grande parte dos acontecimentos ocorrem também num **ambiente crepuscular ou noturno** (aliás, característica do Romantismo): “*É no fim da tarde.*” (ato I, didascália inicial); “*É noite fechada.*” (ato I, cena 7, didascália inicial); “*É alta noite.*” (ato III, didascália inicial).

9. As personagens

As personagens de *Frei Luís de Sousa* são seres deste mundo que, vergados pela força do destino, vão caminhando inexoravelmente para um fim trágico. Nesta obra

[...] não existem personagens supérfluas ou tautológicas [...], sob o ponto de vista da lógica da ação dramática: cada personagem ocupa uma posição definida e desempenha uma função necessária na ação e a ausência de qualquer delas afetaria gravemente o desenvolvimento desta [...].

Vítor Manuel Aguiar e Silva. *Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, 1990, p. 207. [Grafia atualizada.]

9.1. Quando as coisas e os objetos atuam como personagens

O mundo exterior contemplado em *Frei Luís de Sousa* (paisagens, quadros, retratos) não tem em si uma existência independente de quem o assinala: as coisas e os objetos observados sofrem, em determinado momento da contemplação, uma “interpretação” que simultaneamente os carrega de força trágica e os insere no drama. Essa interpretação só é possível através da intuição permanente de uma fatalidade desastrosa a cair sobre Madalena e a sua família. É essa intuição que relaciona o objeto observado com a situação psicológica do observador, tornando-o vivo e atuante como se de uma personagem se tratasse. De facto, na primeira fase da contemplação, é passivo o objeto observado e ativo o observador; na segunda fase, pelo contrário, é passivo o observador e ativo o objeto observado. Na primeira fase, o mundo exterior é neutro de significação dramática; na segunda, uma certa intuição de desgraça iminente atribui-lhe uma ação reveladora de um desfecho trágico.

Maria contempla o retrato do pai (ato I, cena 4)

1.ª FASE:

“Como ele era bonito, meu pai! Como lhe ficava bem o preto... e aquela cruz tão alva em cima!”

► O mundo exterior independente do drama

2.ª FASE:

Elemento de interpretação: intuição do malogro do casamento dos pais.
“Para que deixou ele o hábito, minha mãe, porque não ficou naquela santa religião, a vogar em suas nobres galeras por esses mares e a afugentar os infiéis diante da bandeira da cruz?”

► O mundo exterior inserido no drama

Maria contempla o retrato de D. Sebastião (ato II, cena 1)

1.ª FASE:

“Que majestade! que testa aquela tão austera, mesmo dum rei moço e sincero ainda leal, verdadeiro, que tomou a sério o cargo de reinar, e jurou que há de engrandecer e cobrir de glória o seu reino! Ele ali está... E pensar que havia de morrer às mãos de mouros no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia refletida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!...”

► O mundo exterior independente do drama

2.ª FASE:

Elemento de interpretação: intuição de que D. Sebastião poderá regressar [aqui o rei é uma personagem dupla (D. Sebastião – D. João)] e o sebastianismo de Maria traduz a crença intuitiva no regresso do primeiro marido de D. Madalena, sua mãe.]

► O mundo exterior inserido no drama

Maria contempla o retrato de D. João (ato II, cena 1)

1.ª FASE:

“Aquele aspeto tão triste, aquela expressão de melancolia tão profunda... aquelas barbas tão negras e cerradas...”

► O mundo exterior independente do drama

2.ª FASE:

Elemento de interpretação: intuição de que ninguém amara D. João de Portugal (nem mesmo a esposa, sua mãe?)

“[...] e aquela mão que descansa na espada, como quem não tem outro arrimo, nem outro amor nesta vida...”

► O mundo exterior inserido no drama

Manuel e Maria contemplam a capela (ato II, cena 3)

1.ª FASE:

“Ainda não viste daqui a igreja? É uma devota capela esta. E todo o templo tão grave! Dá consolação vê-lo.”

► O mundo exterior independente do drama

2.ª FASE:

Elemento de interpretação: intuição de que essa consolação não perdurará.

“Deus nos deixe gozar em paz de tão boa vizinhança.”

► O mundo exterior inserido no drama

Madalena contempla o Tejo (ato II, cena 10)

1.ª FASE:

“Não há vento e o dia está lindo. Ao menos não tenho sustos com a viagem.”

► O mundo exterior independente do drama

2.ª FASE:

Elemento de interpretação: intuição de que uma “mudança” poderia separá-la de Manuel de Sousa Coutinho.

“Mas a volta... quem sabe? o tempo muda tão depressa...”

► O mundo exterior inserido no drama